

Revista fundada por São João Bosco em 1877

BOLETIM SALESIANO

Moçambique

Novembro - Dezembro 2013

Nº 55



**A 'Espiritualidade Salesiana'
do serviço dos jovens**

Somos uma Família de Santos

Neste Ano da Fé o Papa nos convida a descobrir nos SANTOS as testemunhas vivas da fé. A Família Salesiana é já uma família de santos e santas. Hoje, seguindo o calendário salesiano apresentamos a figura de ..

Beato Artémides Zatti Salesiano Coadjutor



Festa Litúrgica
13 de Novembro

O Apóstolo salesiano
no meio
dos doentes pobres

O Lema de Zatti:
«Tenha
cuidado:
está curando
a Jesus»

Artémides Zatti nasce o 12 de outubro em Boretto, Itália. Aos 17 anos, devido à grande miséria que se vive em Itália, a família Zatti emigra para Buenos Aires, capital de Argentina, lugar onde tinham ido os primeiros missionários de Dom Bosco em 1875.

Por causa de estar cuidando doentes, a doença lhe impede tornar-se salesiano sacerdote. Mas, ele quer ficar com Dom Bosco e fica como Salesiano Coadjutor, continuando o trabalho empreendido por outro salesiano a favor dos pobres doentes daquelas grandes extensões das terras argentinas. Chegará até criar um hospital para eles.

O seu sobrinho, Juan Vecchi, será o 8º Sucessor de Dom Bosco.

Morre em 1951 e o Papa João Paulo II lhe declara Beato no ano 2002 por ser um leigo cristão, consagrado a Deus e doado totalmente aos pobres nas terras da primeira evangelização salesiana de América do Sul!

Sumário

- 2 Somos uma Família de Santos
- 3 Sumário - Editorial
- 4 O Reitor-Mor nos escreve
- 6 Conhecendo a Dom Bosco
- 8 Jovens em caminho
- 10 Somos a Família Salesiana
- 12 O mundo da família
- 14 O mundo da net
- 16 A Palavra da Igreja
- 17 2015- Espiritualidade Salesiana
- 22 Filhas de Maria Auxiliadora
- 24 Missões salesianas
- 26 Vida salesiana em Moçambique
- 28 Notícias do mundo salesiano
- 30 Em diálogo
- 32 Novo Beato e Mártir
- 34 Landzi-Eu fico com D.Bosco'

Direcção e Administração:
Av. de Namaacha, Parcela 498
Bairro Luis Cabral - Maputo
E-mail: bsmozambique@gmail.com
Depósito legal: 01530INLD/98
Tel: 258 21404074

PROPRIEDADE:

Visitadoria 'Maria Auxiliadora' –
Sociedade Salesiana Moçambique
DIRECTOR: Rogelio Arenal, sdb
CONSELHO DE REDACÇÃO: Alice
Nhanposse, Ângelo Nhantumbo,
Miguel Angel Delgado.
AUTORES: André Kazembe; Aníbal
Mendonça; ANS; Anton Grm; Fran-
cisco Lourenço; Joaquim Gómes;
János Szoke; Jorge Bento; Mons.
Celli; Pascual Chávez; Rall.
MAQUETAÇÃO: Rall
FOTOGRAFIAS: ANS; Bsita; G.
Mandamule; J.C. Hatoa; J. Gómes;
Quinito; Oss.R.; Rall; Rádio DB.

Boletim SALESIANO

Novembro-Dezembro 2013
ANO XIII - Nº 55

Queridos amigos e amigas do Boletim Salesiano: com este nº 55 chegamos ao fim de mais um ano de publicação.



A todos os que tendes acompanhado a sua caminhada; aos que vos tendes beneficiado dos seus artigos; aos que o tendes espalhado entre jovens e amigos: MUITO OBRIGADO!

Neste ano 2013, continuamos com a nossa dupla publicação:

» A virtual/digital, através do blog do BS, onde foram publicadas (até ao 31 de Outubro) 179 artigos. Actualmente, o número de visitantes alcançou os 25.000.

» Lenta e humildemente, vai abrindo caminho a publicação impressa. Brincando, dizemos que é a única publicação de BS no mundo feita em fotocópia! Temos de nos adaptar, como faria D. Bosco, às situações económicas pelas que passamos, mas isso não tira que, mesmo fotocopiado, perca a sua qualidade de conteúdos na linha informativa e formativa.

Desafios e sonhos para o ano 2014: ter a impressão a cores (ainda muito difícil!); aumentar o número de inscrições ao BS impresso (**Continuará para o ano 2014 o valor de 500,00 mts por inscrição anual. 6 números**); aumentar o número dos leitores jovens e adultos (este é um grande desafio e importante!); termos mais colaboradores que, mesmo muito ocupados, tenham um pouco de tempo para nos enviar material escrito e gráfico.

No ano 2014, em Agosto, iniciaremos as celebrações do Bicentenário do nascimento de D. Bosco. Procuraremos que o BS seja uma ajuda para viver esta celebração.

P. Rogelio Arenal sdb



“EU QUERIA FAZER O BEM”

O Reitor-Mor, continua a CONTAR-NOS Dom Bosco numa linguagem de hoje na sua mensagem (resumo) de Novembro para o BS.

No início do meu apostolado sacerdotal, meu amigo padre Cafasso, que eu escolhera como diretor espiritual, tinha-me dado um conselho de ouro: “*Caminha pela cidade, olha ao teu redor*”. Devia encontrá-los no “território” deles, em campo aberto. Valia a pena tentar...

Uma batina preta

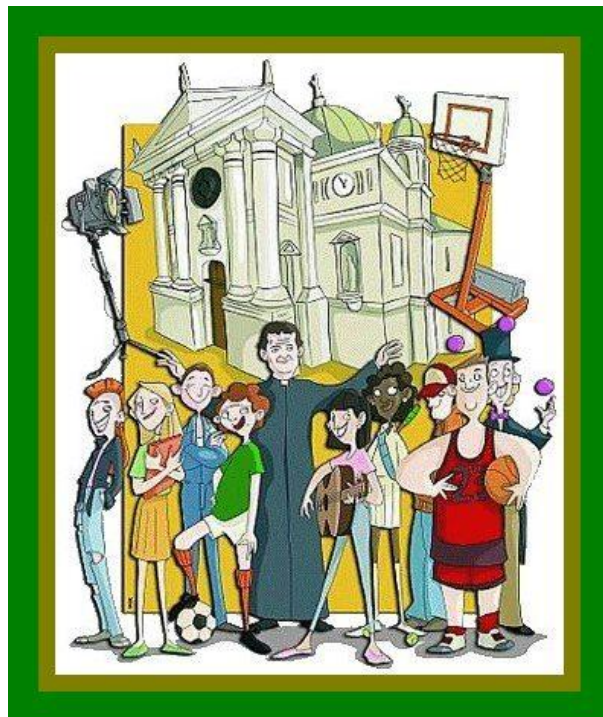
“Olhando ao meu redor” encontrei muitos jovens. Parecia-me que andassem em busca de alguma forma de diversão porque, no fundo, não sabiam alegrar-se. Gargalhavam, mas não sorriam. Depois de um palavrão ou uma blasfêmia, depois de uma bravata que desencadeava momentâneos alvoroços de gritos e risadas, caía improvisamente um silêncio irreal, o vazio. Então, depois de um momento em que eu devia passar por cima de atitudes e palavras, cabia-me iniciar o bate-papo. Ficavam curiosos, mas não me pareciam aborrecidos pela presença de uma batina preta; muitas vezes, acabava-se num boteco diante de uma ou mais garrafas de vinho. Interessava-me por suas vidas, perguntava sobre suas famílias, ficava sabendo se e onde trabalhavam; depois, lançava uma pergunta sobre a vida cristã e terminava convidando-os a irem ao oratório, quem sabe só para dar uma olhada. Na maioria das vezes, a coisa funcionava. No domingo se-

guinte encontrava a todos ou quase todos, um deles na fila para receber o pãozinho, outro para cumprimentar-me ou dizer-me alguma coisa; outro ainda até mesmo para se confessar.

Deus o queria

Aos melhores – estava falando aos meus directores-, aos mais generosos, eu acrescentava: “*Não percam tempo, façam o bem, façam-no muito e jamais se arrependerão de tê-lo feito*”. Com um pouco de desafio, dizia: “*Se um pobre padre, com nada ou com menos de nada, perseguido por todos, pôde levar as coisas ao ponto em que estão agora, que bem o Senhor não esperará de 330 indivíduos saudáveis, robustos, de boa vontade, cheios de ciência e com os meios poderosos que agora temos nas mãos?*”.

“*O que havia aqui, onde nós estamos agora reunidos? Nada, realmente nada! Neste lugar e nos arredores havia campos semeados com milho, repolho, algum jardim, e nada mais. Um casebre, ou melhor, um tugúrio, ou uma taberna surgia no meio, miserável ao vê-la de fora, mais miserável dentro. E, além de tudo, era ca-*



sa de imoralidade. Eu corria de um lado para o outro atrás dos jovens mais indóceis, mais dissipados; eles, porém, não queriam saber nem de ordem nem de disciplina, riam das coisas da religião, das quais eram muito ignorantes, blasfemando o nome santo de Deus, e eu nada podia fazer... Um pobre padre, sozinho, abandonado por todos, antes pior do que sozinho, porque desprezado e perseguido: tinha um pensamento vago de fazer o bem, aqui, justamente neste lugar, e fazer o bem aos pobres rapazes. Era este o pensamento que orientava todos os meus passos, todas as minhas ações. Eu queria fazer o bem, fazer muito bem, mas fazê-lo aqui. Pessoalmente, eu não posso explicar como as coisas aconteceram. Isto eu sei: Deus o queria”.

O Reitor-Mor nos escreve

Eis o resumo da mensagem do Reitor Mor de Dezembro para o BS.

Eu estava em Roma no dia 27 de abril de 1876. Naquele dia, escrevi uma longa carta ao padre Cagliero, dizia-lhe: *“Temos em andamento uma série de projetos que parecem fábulas ou coisas de doidos diante do mundo; contudo, tão logo os iniciamos, Deus os abençoa de modo que tudo corre bem. Motivo para rezar, agradecer, esperar e vigiar”*.

O 4º voto salesiano

Enquanto a Congregação Salesiana se difundia em muitas nações, eu me convencia sempre mais de que o Sistema Preventivo devia ser a nossa herança irrenunciável. O Sistema Preventivo significava os valores nos quais eu sempre acreditara e que me tinham guiado também nos momentos de dificuldade, incerteza e provação.

Escrevendo em 1885 ao “caro e sempre amado padre Costamagna” (Director na Casa salesiana de Almagro, na Argentina, onde se estava a viver um sistema repressivo), recordei-lhe que “o Sistema Preventivo seja algo realmente nosso”. Também aos outros, eu recomendei: “caridade, paciência, doçura” e implorei “que cada salesiano se fizesse amigo de todos, fosse fácil no perdoar e não invocasse coisas já perdoadas”.

Tomei conhecimento de que muitos de meus irmãos na Argentina fizeram cópia destas cartas e continuavam fiéis às orientações contidas nelas. Mais ainda, alguns se obrigaram espontaneamente com uma espécie de voto a viverem o Sistema Preventivo (como se fosse um quarto voto salesiano), e o renovavam todos os meses.

O mesmo coração

Eu sempre agira assim. Quando em 1872 surgiu o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, não podendo dar-lhes assistência pessoal, que também acreditava necessária, sobretudo nos inícios, enviara a Mor-

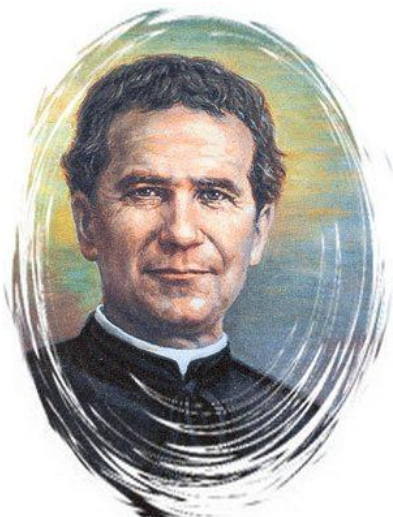
nese um salesiano da minha completa confiança, o padre Cagliero, com esta orientação precisa: *“Conheces o espírito do nosso Oratório, o nosso sistema preventivo e o segredo de fazer-se amar, escutar e obedecer pelos jovens, amando a todos, não magoando a ninguém, e assistindo-os dia e noite com vigilância paterna, caridade paciente e benignidade constante”*.

Em fevereiro de 1885, escrevendo a dom Cagliero, eu sintetizava todo o trabalho educativo numa expressão lapidária: *“Fazer-se amar e não fazer-se temer”*.



**“NO SISTEMA PREVENTIVO
EU ENTREGAVA AOS SALESIANOS
A MINHA PAIXÃO PELOS JOVENS”**

Conhecendo a Dom Bosco



João Bisio: o testemunho dum aluno de D. Bosco

No processo de canonização de D. Bosco encontramos o testemunho de João Bisio: «Fiquei impressionado ao ler o Jovem Cristão [folheto de orações e reflexões para rapazes], escrito por D. Bosco. Terminado o serviço militar, informei-me sobre D. Bosco, valendo-me de um sacerdote da minha terra. Descreveu-me como um santo. Quis conhecê-lo. Apresentei-me a ele e admirei os seus bons modos e as belas e santas palavras que me dirigiu. Alguns meses depois, em 1864, fui para o Oratório. D. Bosco tinha um dom especial para atrair o afecto dos jovens, sobretudo dos mais pobres. Posso dizer que era um íman para os corações dos jovens. Quando entrei no Oratório, os jovens internos eram mais de 600» (Teresio Bosco, Don Bosco visto da vicino).

Durante os primeiros meses de vida em Valdocco, João observava com atenção a atitude de D. Bosco com os rapazes: «Ao dar os avisos para o bom fun-

cionamento do Oratório, D. Bosco usava sempre palavras de caridade; pedia-nos sempre para fazer as coisas que ele desejava; e nós, pelas belas palavras que usava, sentíamos prazer em obedecer mais por amor do que por temor» (ib).

D. Bosco era amado e estimado não só pelos seus rapazes. Também as pessoas de fora do Oratório gostavam dele. Por vezes João Bisio acompanhava D. Bosco nas suas viagens pelo Piemonte; nas terras, ao passar D. Bosco, muitas pessoas ajoelhavam-se para receber a sua bênção; outros aproximavam-se e apresentavam-lhe os seus filhos mais pequenos para que os abençoasse. «Parecia justamente Jesus de Nazaré no meio dos meninos, escreve Bisio (MBe XVIII, 497).

João Bisio recorda em particular a capacidade de diálogo deste padre. Um hebreu de cinquenta anos, manifesta-lhe um dia o seu desejo de conhecer D. Bosco. João acompanha-o até D. Bosco. «Eu não sei o que se passou entre eles, mas, ao sair do Oratório, aquele hebreu disse-me que, se em todas as cidades tivesse existido um D. Bosco, todo o mundo ter-se-ia convertido. Sabia dizer aos que se aproximavam

palavras eficazes, belas e edificantes. Isto explica também como os jovens ficavam tão ligados a ele e como conseguia torná-los bons» (MBe VII, 36).

D. Bosco utilizava a sua capacidade de diálogo para ajudar os jovens a salvar a sua alma. Mas não só os jovens: «posso-vos dizer que muitas vezes D. Bosco era chamado à cidade para confessar pecadores doentes e pessoas relutantes em se confessarem. No regresso quando lhe perguntava, ele respondia: “Essa pessoa confessou-se”». (MBe VI, 42).

Muitas pessoas aconselhavam D. Bosco a limitar a aceitação de jovens no oratório. Eram numerosas as obras empreendidas. Até a Mãe Margarida lhe tinha dito: «Não fazes mais nada do que aceitar rapazes, mesmo sabendo muito bem que não há espaço». Um dia também João Bisio fez notar a D. Bosco que eram excessivos os gastos para manter e acolher tantos jovens, «mas ele respondeu-me que no Oratório havia uma fonte [a Providência] que deita sempre marenegos [moedas de ouro], e que por falta de dinheiro nunca tinha deixado de aceitar jovens

DOM BOSCO, UM ÍMAN PARA OS CORAÇÕES DOS JOVENS

Conhecendo a Dom Bosco



pobres. Foi sempre andando aos tropeções, mas o Senhor proporcionou-lhe sempre os meios para salvar os jovens pobres e para realizar muitas boas obras» (Don Bosco visto da vicino).

D. Bosco não guardava nada

para si mesmo. Um dia um benfeitor levou ao Oratório algumas camisas novas, muito bonitas e bem feitas, para dar de presente a D. Bosco. Conta João Bisio: «No sábado já à noite coloquei uma daquelas camisas na cama de D. Bosco.

Mas com surpresa encontrei-a na manhã seguinte no mesmo lugar. Ao encontrar-me com ele, disse-me: - Bisio, estas camisas são para ser dadas a um pobre sacerdote? - Se não forem, disse eu, para quem serão, a quem as devo dar? - Dá-as a quem se dê à boa vida».

João era feliz por estar no Oratório. A estima e afecto que nutria por D. Bosco levaram-no a ficar. Mas em 1871 deixou o Oratório para regressar a casa para cuidar dos seus pais. Acabou por se tornar um comerciante inteligente e próspero. Casou-se e tornou-se pai. Mas não esqueceu os anos passados ao lado de D. Bosco, porque ele confiava unicamente na Providência.

Em 1880 a mulher de João ficou gravemente doente do coração. Os médicos não lhe davam esperança de que se curasse. A João restava uma última possibilidade: pedir a D. Bosco uma bênção. A mulher estava de acordo. D. Bosco aceitou, acolheu-a, levantou-lhe o ânimo e assegura-lhe que se curará. «*Realmente, viveu ainda mais 15 anos para admiração dos médicos que a tinham acompanhado*» (MBe XIV, 578-579).

João não duvidou de D. Bosco nem sequer no final da sua vida: «*Visitei-o uns meses antes da sua morte, acompanhei-o desde o refeitório até ao seu quarto, depois da refeição. Disse-me que as suas forças estavam esgotadas e admirei a paciência e a sua resignação*». (Don Bosco visto da vicino).

Jovens em caminho



Realizou-se o fórum juvenil do movimento salesiano zona centro, nos dias 30, 31 de agosto e 01 de setembro, na Escola Profissional Dom Bosco-Matundo (Tete).

Participaram 75 jovens vindos de diferentes comunidades e presenças, nomeadamente: alunos da Escola Profissional Dom Bosco-Matundo, Paróquia de São João Baptista-Moatize, comunidade de São Francisco Xavier-Bamba, Paróquia Imaculada Conceição-Zobúe e comunidade Nossa senhora das Graças-Matema. Com a participação da 3 padres, 1jurista e um casal.

Teve como temas: Lei da família e Sistema preventivo.

Chegamos na sexta feira a noite, depois do jantar partilhado, tivemos o primeiro encontro no salão polivalente da Escola profissional Dom Bosco, onde o nosso jurista Leonardo Sarai-va desenvolveu o primeiro tema que falava sobre a lei da família em termos dos direitos e deveres dos cônjuges.

Terminada a reunião em seguida tivemos uma oração de boa noite. Chegado ao sábado tivemos o segundo encontro com um casal que repisou sobre a lei da família e o percurso do seu matrimónio, as dificuldades e os principais desafios que os mesmos enfrentaram durante a caminhada.

Logo a tarde tivemos o segundo tema que abordava sobre a

missão salesiana (Sistema Preventivo) que foi desenvolvido pelo P. Francisco Pescador. Logo, o momento de recreação (desporto).

No domingo, a Eucaristia, a avaliação do Fórum, a limpeza dos ambientes, o almoço e o momento da despedida.

Sobre os temas, os jovens comentaram e afirmaram que de alguma forma vão contribuir no aspecto positivo na nossa caminhada como jovens cristãos e honestos cidadãos. Mostraram o seu interesse em participar activamente nos temas e em cada actividade traçada.

Jovens em caminho

«Caros jovens, cada um de nós têm dentro o dom que Deus nos deu, cada um tem um dom particular. Precisa dar gratuitamente, partilhar e fazer com que a comunhão, o bem, a graça de Deus possa crescer em abundância para que cada um de o melhor de si. Precisa viver estas verdades no lugar onde cada um se encontra» (Ir. Julieta, Fma de Cabo Delgado, missionária 'ad gentes' em Europa)

Mais de 100 jovens das presenças salesianas Fma e Sdb do sul de Moçambique reuniram-se no fim de semana, 12 e 13 de Outubro para realizar o Fórum anual do MJS. O encontro foi realizado no aspirantado salesiano de Matola.

Os temas do encontro são uma continuação da JMJ do Brasil. A ir. Ivone Zandamela e o P. Miguel Angel Delgado animaram os temas da mensagem do Papa para a JMJ e a estreia do Reitor Mor para 2013.

A noite do sábado terminou com uma hora de adoração a céu aberto no centro de Emaús.

No domingo, dia 13 de Outu-

bro, iniciou o dia com a Eucaristia presidida pelo Provincial P. Américo Chausse e onde também participou a Provincial Fma Ir. Paula Langa. Na Eucaristia participou a mais 'jovem' da FS de Moçambique: a Ir. Carla Baietta com 94 anos de idade!

Ao final da Eucaristia, o P. Américo entregou a cada participante como presente a breve biografia do novo Beato mártir, o salesiano coadjutor Estevão Sándor, para que os jovens conheçam este novo beato da FS que será beatificado no dia 19 de Outubro.

Seguiram-se jogos educativos para potenciar o trabalho em grupo e a manhã terminou com

um encontro onde o tirocinante sdb Gilberto Mandamule ajudou aos jovens a realizar o projecto de vida.

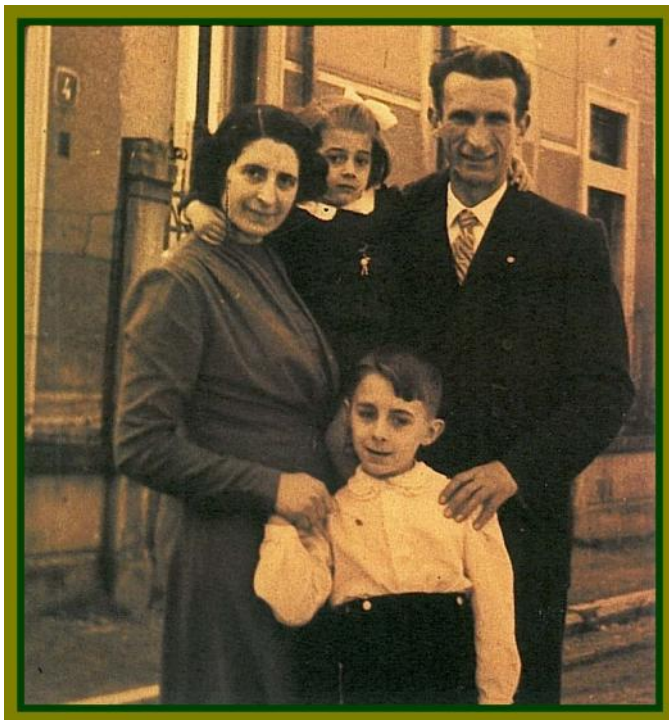
De tarde, houve recreação salesiana com os jovens divididos por zonas de proveniência e onde cada lugar apresentou as suas qualidades artísticas.

Terminou o Fórum com as Boas Tardes dadas pela Ir. Paula e a bênção do P. Américo.

Em todos, um coração alegre que regressava para casa satisfeito do vivido e experimentado e fortalecidos para continuar a seguir a Jesus e testemunhá-lo na vida de cada dia.



Somos a Família Salesiana



Atílio Luciano Giordani, Leigo e Pai de família, Salesiano Cooperador

juvenil sem pastoral familiar, estou convencido de que o testemunho de vida cristã oferecido por Atílio em família poderá constituir uma significativa contribuição experiencial inspirada em Dom Bosco: uma família não fechada em si, mas aberta à vida paroquial e oratoriana, à prática da caridade, ao testemunho missionário.

Atílio Giordani modelo de prática do Sistema Preventivo vivido no oratório. Aos nove anos começou a frequentar o Oratório S. Agostinho, dos Salesianos, em Milão. Ali, jovem para os jovens, empenhou-se, constantemente, por uma animação jubilosa dos grupos: por decênios é um hábil catequista e um animador salesiano genial, simples, sereno. Conhece e usa todos os instrumentos educativos do Sistema Preventivo para animar os seus meninos: zela pela liturgia, formação, presença e brinquedos no pátio, valorização do tempo livre, teatro; organiza passeios com os jovens do Oratório, compõe cantos, encena teatros, inventa rifas de beneficência, caça ao tesouro e gincanas paroquiais, olimpíadas infanto-juvenis, sem nunca esquecer o centro da alegria cristã: o amor a Deus e ao próximo. Revela a arte do educador, pondo no centro da sua missão educativa o Anúncio do Evangelho e o serviço catequístico, vivido com criatividade e credibilidade. Mérito peculiar de Atílio Giordani foi

Caríssimos Salesianos Cooperadores, como sabem, no 19 de outubro de 2013, o Papa Francisco autorizou a Congregação das Causas dos Santos a promulgar o decreto relativo às **virtudes heroicas** do Servo de Deus *Atílio Luciano Giordani, Leigo e Pai de família, Cooperador da Sociedade Salesiana de São João Bosco*, nascido em Milão (Itália) em 3 de fevereiro de 1913 e falecido em Campo Grande-MS (Brasil) no dia 18 de dezembro de 1972. Atílio Giordani, marido e pai exemplar, animador de oratório e catequista, missionário e evangelizador, figura atualíssima de Salesiano Cooperador, é agora **Venerável**.

Esta minha mensagem deseja ser um convite a toda a Família Salesiana, mas em particular a esta Associação e à Inspetoria dos Salesianos da Itália-Lombardia e Emilia Romagna, que lhe promoveu a causa de beatificação e canonização, a

promover igualmente o conhecimento da sua vida, da sua mensagem para a família e para a educação, segundo o espírito de Dom Bosco, e outrossim uma oração unânime para pedir a graça de um milagre, invocando-lhe a intercessão.

Atílio Giordani é modelo de vida familiar. Ele foi em sua família esposo e pai presente, rico de grande fé e serenidade, numa desejada austeridade e pobreza evangélica em favor dos mais necessitados. O matrimônio com Noemi, em maio de 1944, foi para Atílio não só uma palavra "dada" mas sobretudo um "sacramento" de Cristo, cuja santidade e indissolubilidade se esforçou por exprimir com a vida de cada dia e com a educação dos filhos. A família permanece unida porque Atílio e Noemi se sustentam com a oração e a prática da caridade. Depois que nos aumentou maiormente a consciência de que *não pode existir pastoral*

Somos a Família Salesiana

traduzir de maneira simples e convincente a especificidade da evangelização desejada por Dom Bosco, o qual evangelizou educando.

A “*caridade salesiana*” é *caridade pastoral*, porque busca a salvação das almas, e é *caridade educativa*, porque encontra na educação o manancial que lhe permite ajudar os jovens a desenvolverem todas as suas energias de bem; deste modo, podem os jovens crescer quais honestos cidadãos, bons cristãos e futuros habitantes do céu. O elemento típico da caridade pastoral é o anúncio do Evangelho, a educação na fé, a formação da comunidade cristã, a fermentação evangélica do ambiente. Hoje o nosso empenho de evangelizadores e educadores dos jovens pode achar em Atílio Giordani um modelo original de encarnação do espírito oratoriano, critério permanente de toda nossa presença e acção educativo-pastoral.

Atílio Giordani modelo de santidade salesiana laical, vivida na alegria. Uma vez Salesiano Cooperador, vive a fé em sua própria realidade de leigo, inspirando-se no projeto de vida apostólica de Dom Bosco. Constrói a sua personalidade de homem e cristão na alegria. O seu humorismo é a expressão directa de uma consciência dominada pela fé em Cristo. Além disso testemunha, com coragem e bondade alegre, a sua fé cristã também em ambientes ou situações difíceis, como no período do serviço militar e de guerra, ou

na sua profissão, como operário, vivendo no mundo sem ser do mundo, remando contra a corrente. Encerra o seu evento terreno partilhando com a Família a opção missionária, deixando como testemunho o entusiasmo de uma vida toda doada aos demais: “A medida do nosso crer se manifesta em nosso ser”. O Venerável Atílio **Giordani é uma encarnação límpida da espiritualidade salesiana em chave laical.** Este aspecto despertou sempre especial admiração, sobretudo nos Salesianos consagrados, que advertiam a presença providencial de um tal modelo e não deixavam eles mesmos de com ele se aconselhar.

Os Grupos da FS envolvem numerosos leigos em sua missão. Temos consciência de que não se pode dar um envolvimento pleno se não se der igualmente a partilha do mesmo espírito. Viver a espiritualidade salesiana como leigos corresponsáveis na acção educativo-pastoral se torna uma obrigação fundamental. A simpática figura de Atílio Giordani é neste sentido uma fonte de inspiração para a formulação de uma **espiritualidade laical salesiana.**



Neste Ano da Fé e no último de preparação ao Bicentenário de nascimento de Dom Bosco, o testemunho de Atílio Giordani é realmente um dom muito precioso, que nos estimula a formar leigos salesianos intensamente identificados e decididamente empenhados em levar a mensagem do evangelho à família, à educação e à vida social e política.

Termino esta minha mensagem renovando o convite a promover um denso movimento de oração a fim de que possamos quanto antes venerar Atílio entre os membros glorificados da nossa Família Salesiana e invocá-lo como especial intercessor pelas Famílias e por nossos oratórios.

Com muito afeto e estima, em Dom Bosco,

P. Pascual Chávez, Reitor Mor

Roma, 15 outubro 2013

“A NOSSA FÉ DEVE SER VIDA”



Como é um dia nos Retiros de Iniciação?

Esta paróquia do Amparo é a paróquia mãe dos Retiros de Iniciação. Sempre realizamos aqui.

Os nossos antepassados tinham sempre um seu lugar conservado que se chama 'Gandzelo'. É uma árvore onde os antepassados falavam com os seus antepassados para as suas cerimónias. Exactamente, nos Retiros de Iniciação, temos uma árvore. É aí que está o segredo do nosso Retiro de Iniciação. E chama-se essa árvore a 'árvore da iniciação'. E exactamente nessa árvore, temos a nossa palhota, que são as duas coisas que temos na nossa cultura. Esse é o nosso lugar sagrado. Ali tem que haver todo respeito. No lugar sagrado não se entra de qualquer maneira: não se entra a correr, não se pode sair a qualquer lado, tem de entrar descalço, excepto o Mestre e os Formadores. É um lugar muito importante. Ali reina o silêncio profundo.

Existe uma razão para escolher esta ou outra árvore?

Não. Em termos da espécie, não é uma árvore especial. Deve ser uma árvore grande, com porte que de uma sombra para todos nós podemos estar ali concentrados. Sem árvore em condições não se pode fazer o retiro. É o lugar simbólico, sagrado.

Nós começamos na Casa de Deus. Invocamos o antepassado de todos que é Nosso Senhor Jesus Cristo. Aonde? Na casa dele, na Igreja, no altar. E depois vamos no lugar sagrado dos nossos antepassados que é na árvore da iniciação. E quando chega o final, igualmente, fazemos o mesmo. Saímos de lá e vamos a apresentar a N.S. Jesus Cristo o que fizemos. As duas coisas, Jesus Cristo e os antepassados, não se opõem. Pelo contrário.

Há pessoas que não procuram entender os Retiros de Iniciação que estão a se fazer na Igreja e os confundem com os Ritos de Iniciação. Há pessoas que criam confusão. Os ritos

Publicamos a segunda e última parte da entrevista feita ao Mestre Magaia (Cabral Zulo Magaia) que nos fala sobre os 'Retiros de Iniciação', que é uma resposta pastoral para a educação dos jovens onde se integram os valores do Evangelho e os valores perenes da cultura moçambicana.

de iniciação dependem de cada tribo.

Com que idade se pode entrar nos Retiros de Iniciação?

No princípio, se faziam com 14 anos. Mas com andar do tempo e até agora, a idade indicada para as meninas é de 15 a 18 anos, pois fazemos em grupos: adolescentes e jovens. A rapariga começa com 15 anos. Mas há problemas nos lares, e às vezes a rapariga com 14 anos já traz problemas. Os pais querem que a filha seja iniciada. Falam com o Mestre e ele decide. Para os rapazes é obrigatório com 15 anos. Os adolescentes dos 15 aos 17 e os jovens dos 18 até aos 20 e tal. Mas, ultimamente, metemos os adultos também junto com os jovens.

Desde 2012 já estou reformado como Mestre. O actual Mestre é o Mestre Domingos Chilave que é da Paróquia de São Francisco de Assis de Infulene.

Após tantos anos de experiência, qual é a sua opinião da utilidade e validade destes Retiros de Iniciação?

Para mim o Retiro tem muito valor. Não deviam morrer. Não devem desaparecer. Sobretudo agora que os nossos Bispos de Moçambique aceitaram este trabalho. Anos atrás não havia esta luz verde em todas as dioceses.

Os jovens catecúmenos, não deveriam fazer este Retiros de Iniciação?

Sim. O Bispo de Chimoio já disse aos jovens que só podiam ser baptizados e crismados após ter feito o Retiros de Iniciação. Concordo plenamente. Aqui em Maputo, anos atrás na catedral, já houve uma inculturação para os jovens que iam sendo baptizados. Em Infulene também se fez alguma experiência. Sim, seria muito bem.

Como deveríamos formar hoje a juventude?

Há um trabalho muito importante. Os leigos por mais boa vontade e por mais formação que tenham para uma actividade da Igreja, necessitam do apoio dum sacerdote. Sem sacerdote, as coisas não andam bem.

Para a educação dos nossos jovens, os sacerdotes tem muita coisa para fazer. É preciso que haja uma coordenação entre os sacerdotes e os pais. Os padres devem acompanhar os jovens na paróquia, mas também na sua caminhada fora. Eu tenho dado esse conselho aos jovens quando começam a namorar: vai falar com o padre! Vai contar tudo para ele te ajudar. Há muita coisa que nós temos de fazer. As novelas estão a destruir as nossas crianças.

Os padres deviam fazer que em todas as paróquias os Reti-

ros de Iniciação continuassem.

Para o bem dos nossos jovens: Deviam fazer os padres os Retiros de Iniciação com os pais. Por vossa iniciativa. Para ver se conseguimos trabalhar juntos. Vou a uma casa e vejo os pais verem a telenovela com

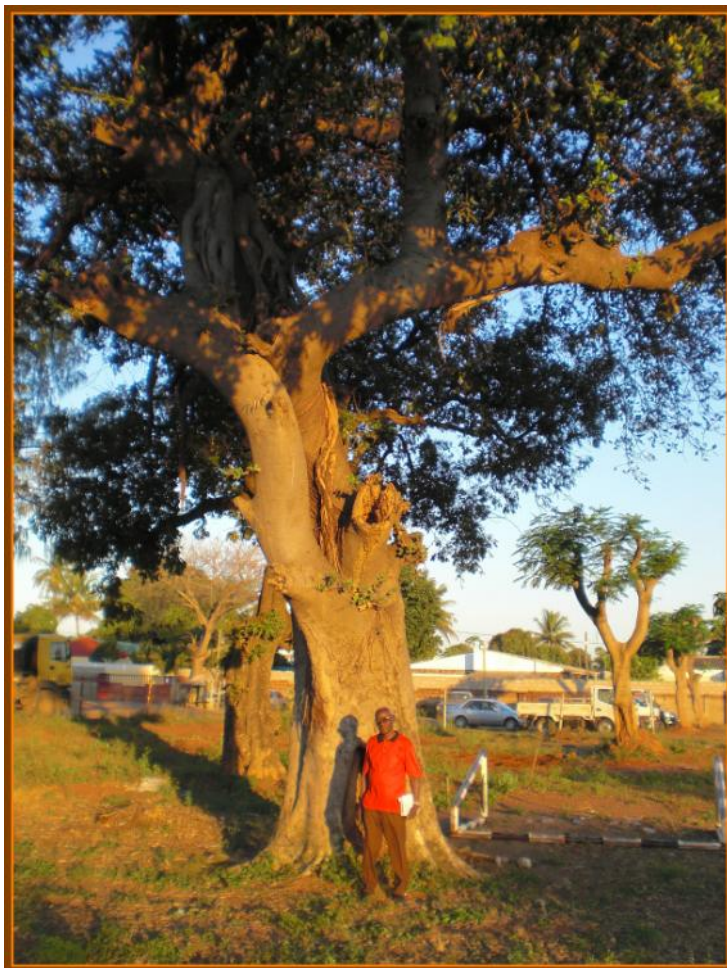
uma continuação. Em cada caminhada em que encontrava com os jovens que se faz depois do Retiros de Iniciação, eu tenho ensinamentos, na base da tradição e da Sagrada Escritura. Alguns caem e outros continuam. Há alguns que já fizeram passar todos os filhos pelos Retiros de Iniciação.

Gostaria de acrescentar: houve-se falar tanto de violência doméstica. Na nossa tradição quando a rapariga se casa, ela tem umas conselheiras que ensinam para o lar que via fundar: 'tu aceita tudo o que teu marido manda'.

Nós, graças aos Retiros de Iniciação, já estamos a preparar estes jovens àquele aconselhamento que a família faz, nós fazemos na igreja: reunimos os jovens, os pais, os

padrinhos, os tios e nós mesmos damos os conselhos para o novo lar e assim superar esses conselhos tradicionais e enriquece-los com a Sagrada Escritura e com o que a Igreja diz sobre a mulher e o marido. Ao juntar os pais de ambos, superamos essas situações daqueles pais e mães que contribuem a separar casais.

Muito obrigado, Mestre Magaia!



os filhos. Será que este pai ensinará os filhos a ver isso? Acho que não. O trabalho do sacerdote é muito para educação dos filhos.

Outras preocupações?

Os Retiros de Iniciação exigem uma entrega total do Mestre, dos Madodas e das Massungukates.

Os Retiros de Iniciação têm valor porque não basta fazer e deixar. Exige uma caminhada,

AS REDES SOCIAIS

“As redes sociais estão profundamente unidas às inquietações do coração humano. Portanto, é um espaço de procura, de compreensão, e é neste espaço onde o Senhor Jesus está do nosso lado”.

“Nesta grande praça do mundo – as redes sociais - os homens e as mulheres de hoje encontram-se, e encontrando-se podem descobrir o significado de certas coisas...”.

“As redes sociais não são instrumentos mas ambientes de vida, são realidade onde «eu vivo». Portanto, eu não utilizo a rede social para anunciar o Evangelho, mas, habitando na rede social, com o meu testemunho, com o meu anúncio, comunico a Jesus Cristo, a sua Palavra, a sua proposta...”.

“É necessário estar presente no contexto da rede social, mas não só habitá-la, mas dando testemunho dos valores em que acreditamos”.

**Arcebispo Celli,
Presidente do Conselho
Pontifício das
Comunicações**



D. João Carlos Hatoa Nunes, Bispo Auxiliar de Maputo, é também o Presidente da Comissão Episcopal paras as Comunicações Sociais.

O BS quis lhe entrevistar para sabermos qual é a 'política' que a CEM segue no âmbito da comunicação social.

Qual é a tarefa pastoral desta Comissão?

Esta pastoral da Comunicação Social, é a pastoral de ser e estar em comunhão, de ser e estar para o encontro entre as pessoas. A comunhão em vários sentidos. É daí onde parte tudo. O Deus da comunhão, que é um Deus Trinitário e daí deriva toda esta nossa maneira de fazer comunhão, acolhida, o poder integrar os esforços que nós fazemos para anunciar esta mensagem, esta Boa Nova que chegue em todos os lugares e em todos os sítios. Estamos ao serviço desta mensagem, desta Boa Nova, tornando-o possível através do encontro dos vários discípulos e seguidores de Cristo.

É um grande desafio para a Igreja, porque nesta Igreja concreta há alguns desafios como a questão dos recursos, a questão das distâncias, a questão do próprio entender que a mensagem cristã, o Evangelho, passa necessariamente por esta partilha, por este criar comunhão, criar comunidade. Isso é um trabalho que passa por todo o trabalho missionário da Igreja. Uma catequese que não tome em conta a comunicação está condenada a não ter bons frutos. Uma acção evangelizadora que não tem em conta a comunicação ou a relega a segundo ou terceiro plano, está condenada a não surtir efeitos e ter os frutos desejados. É uma área da Igreja que permeia toda a actividade da Igreja, passa por todos

os âmbitos e acções da Igreja.

Como é a presença actual da Igreja em Moçambique nos MCS do nosso país?

A Igreja, naturalmente, passou por várias fases. Algumas eram bastante visíveis nesta questão. Mas, depois se foi reduzindo.

No período colonial, passando rapidamente, havia uma acção pastoral muito significativa. Me recorde do Bispo da Beira que tinha tipografias, tinha muitas obras ligadas a essa área. Muita divulgação também.

Depois veio o período da Independência. Uma Igreja que se olha a si mesma, Igreja ministerial. No 1977 tivemos a grande Assembleia. Uma Igreja que comunica-se a partir da base e que faz a comunhão e toda a comunicação era nas pequenas comunidades, ali muito humildemente.

Depois tivemos uma interrupção no nosso caminho, que foi a questão da guerra civil. Todos os esforços e toda a acção da Igreja era mais uma pastoral para a paz: cartas pastorais, etc... Ficou-se muito focalizada a acção da Igreja na busca da paz. Isso, de certa maneira, ofuscou, embora houvesse vários trabalhos feitos nesse sentido, alguns trabalhos pequenos. Mas era muito difícil. Faltavam as vias de aceso e tornavam-se difíceis os próprios encontros por causa da guerra.

Depois alcançamos os acordos



de paz. Há também a nova Constituição. Começa a aparecer um pluralismo dos médias, um pluralismo de vários órgãos ligados à comunicação. Então é aí que aparecem várias rádios comunitárias, rádios da Igreja, na altura Rádio Maria aqui, a Rádio Encontro, a Rádio São Francisco em Pemba, em Nampula. Havia essas rádios que, inicialmente, até o projecto da Conferência (episcopal) eram inspirados naqueles ideais ainda do tempo colonial de termos uma grande emissora, um lugar que irradiasse todo esse trabalho, chegou-se a mandar pessoas a Portugal, etc... Mas, quando se voltou, houve o problema da legislação. Não estava prevista a questão da imprensa privada. Era tudo para o Estado. Então esperou-se até que a Constituição de 1990 abriu o espaço para toda essa rede de comunicação. Então é que a Igreja começa a entrar sorrateiramente. Desfez-se o ideal anterior. Começou-se a trabalhar mais a nível de comunidades. Há rádios diocesanas que vão aparecendo. Há Boletins a

nível de Diocese, que vão aparecendo. Há folhetos de Famílias (religiosas) específicas e também porque a facilidade de recursos materiais começa a desenvolver-se.

Agora o desafio é darmos um passo, porque trabalhamos em comunidades, sim, mas é preciso termos em conta o facto de sermos uma Igreja em Moçambique, termos um visão global. Esse facto já foi dado por algumas Famílias a nível mundial, que partilham a nível global vários periódicos. Mas nos falta como Igreja em Moçambique também termos um trabalho mais em conjunto e articulado.

O primeiro passo é termos consciência do bom que fizemos, do caminho percorrido, e a partir dessa consciência da realidade que existe e do caminho feito delinear novos objectivos, novos caminhos a percorrer para que também não fique só a nível de grupos específicos, mas fique também a nível de Igreja, como Igreja. Este é um desafio que temos

agora.

Também, a questão dos novos meios de comunicação, das novas tecnologias. Nós, a Igreja, olhemos para estas possibilidades que o mundo da comunicação nos oferece como meios privilegiados para o anúncio do Evangelho. É um desafio, porque ainda temos muitos cristãos e muitas realidades que olham com determinado cepticismo para alguns espaços de comunicação que, porém, são privilegiados como possíveis espaços para o anúncio da evangelização.

Qual seria o seu sonho neste trabalho daqui a poucos anos, nós como Igreja...

O grande ideal que nós temos é sermos, de facto, uma Igreja que comunica, que anuncia, que se da a conhecer, partilhando aquilo que ela é, o seu ser Igreja, o seu ser Família de Deus, mas com características específicas de Moçambique. Queremos partilhar isso e também enriquecermos com base nessa partilha, acolhendo as experiências de outros quadrantes. São grandes desafios. Isso passa por uma mudança na maneira de ser e de estarmos e de encararmos esta realidade da comunicação. Porque muitas vezes, como é algo que passa de forma transversal, preparamos tudo menos este aspecto: como é que partilho este grande tesouro? Ficamos ainda em aspectos clássicos, como: que palavras vou usar?

A mensagem passa não só com a palavra. E a palavra melhor é Jesus Cristo e Jesus Cristo não só falou, mas agiu, viveu, chorou com quem chorou... Então, que sejamos pessoas de comunicação.

A Palavra da Igreja



No dia 7 de Junho, o Papa jesuíta encontrou-se com os alunos das Escolas Jesuítas. Apresentamos no BS algumas afirmações do Papa que podem enriquecer o nosso trabalho educativo salesiano em tantas Escolas e Centros Profissionais que temos.

Ajudar a crescer como
pessoas maduras,
simples, competentes
e honestas

Promover atitudes de
respeito, escuta,
amizade e espírito de
colaboração

Sintam a presença
do Senhor
na sua vida

Lembrando a experiência inicial da 'Companhia de Jesus' o Papa lembra aos jovens das escolas que *«Santo Inácio e os seus companheiros entenderam que Jesus ensinava a eles como viver bem, como realizar uma existência que tenha um sentido profundo, que dê entusiasmo, alegria e esperança; entenderam que Jesus é um grande mestre e um modelo de vida, e que não somente os ensinava, mas os convidava também a segui-Lo neste caminho»*.



A Escola deve ser um lugar onde a criança e o jovem aprendem a ser MAGNÂNIMOS, isto é: *«ter o coração grande, ter grandeza de alma, quer dizer ter grandes ideais, o desejo de realizar grandes coisas para responder àquilo que Deus nos pede, e propriamente para realizar bem as coisas de cada dia, todas as acções quotidianas, os compromissos, os encontros com as pessoas; fazer as coisas pequenas de cada dia com um coração grande aberto a Deus e aos outros. É importante então tratar a formação humana destinada à magnanimidade. A escola não amplia somente a vossa dimensão intelectual, mas também a humana»*.

O educador, figura chave na escola, deve realizar a sua tarefa com qualidade, pois: *«Educar não é uma profissão, mas uma atitude, um modo de ser; para educar é necessário sair de si mesmo e estar em meio aos jovens, acompanhá-los nas etapas de seu crescimento e estar ao seu lado. Dar a eles esperança, optimismo para o seu caminho no mundo. Ensiná-los a ver a beleza e a bondade da criação e do homem, que conserva sempre a marca do Criador.»*



O Reitor Mor: “Caríssimos irmãos e irmãs da Família Salesiana, após dedicar o primeiro ano do triênio de preparação ao Bicentenário de Nascimento de Dom Bosco a conhecer a sua figura histórica e o segundo ano a colher nele os traços fisionômicos do educador e a atualizar a sua prática educativa, queremos, neste terceiro e último ano, ir à fonte do seu carisma para apropriarmos da sua espiritualidade”.



“Como todos os grandes santos fundadores viveu Dom Bosco a vida cristã com uma ardente caridade e contemplou o Senhor Jesus segundo uma perspectiva muito especial: a do carisma que Deus lhe confiou, isto é, a missão juvenil”.

“A “caridade salesiana” é caridade pastoral, porque busca a salvação das almas;

E é caridade educativa, porque encontra na educação o recurso que permite ajudar os jovens a desenvolver todas as suas potencialidades de bem”.

Convido-os pois, caros irmãos e irmãs, membros todos da Família Salesiana, a beberem das fontes da espiritualidade de Dom Bosco, ou seja, da sua caridade educativo-pastoral, que tem seu modelo no Cristo Bom Pastor e encontra a sua oração e programa de vida, no lema de Dom Bosco «*Da mihi animas, cetera tolle*».

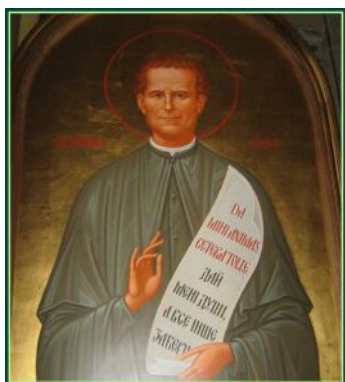
Poderemos assim descobrir um “**Dom Bosco místico**”, em cuja experiência espiritual, se alicerça o nosso modo de viver hoje a espiritualidade salesiana, na diversidade das vocações que n’Ele se inspiram”.

Na base de tudo, qual fonte de fecundidade da sua acção e da sua actualidade, há qualquer coisa que com frequência se nos foge também a nós, seus filhos e filhas, isto é: a profunda vida interior, aquela que se poderia chamar de sua “**familiaridade**” com Deus.

Quem sabe se não é exactamente isto o melhor que dele possuímos para podê-lo invocar, imitar, seguir, para encontrar-nos com Cristo e fazer com que os Jovens O encontrem a Ele.

Dom Bosco **“homem espiritual”** chamou a atenção de Walter Nigg, pastor luterano e professor de História da Igreja na Universidade de Zurique, que assim escrevia:

“Apresentar sua figura, subestimando o fato de que nos achamos perante um santo, seria como dizer uma só meia-verdade. A categoria de santo deve preceder a de educador. Qualquer outra classificação falsearia a hierarquia dos valores. Por outro lado, o santo é o homem em que o natural se abisma no sobrenatural; e o sobrenatural está em Dom Bosco de modo notável [...] Para nós não há dúvidas: o verdadeiro santo da Itália moderna é Dom Bosco”



Nos mesmos anos 80 do século passado, a opinião era compartilhada pelo teólogo P. Dominique Chenu OP.

À pergunta de um jornalista que lhe pedia indicasse alguns santos portadores de uma mensagem de atualidade para os novos tempos, respondeu: *“Agrada-me recordar, antes de tudo, aquele que se antecipou ao Concílio de um século, Dom Bosco. Ele é já, profeticamente, um modelo de santidade por sua obra, que é ruptura com um modo de pensar e de crer dos seus contemporâneos”*.

1. Experiência espiritual de Dom Bosco

A espiritualidade salesiana compõe-se de vários elementos:

- + é um estilo de vida, oração, trabalho, relacionamentos interpessoais;
- + uma forma de vida comunitária; uma missão educativo-pastoral baseada num património pedagógico;
- + uma metodologia formativa; um conjunto de valores e atitudes característicos;
- + uma peculiar atenção à Igreja e à Sociedade através de sectores específicos de empenho;
- + uma herança histórica de documentação e escritos; uma linguagem característica;
- + uma série típica de estruturas e obras; um calendário com festas e ocorrências próprias;

- Ponto de partida da experiência espiritual de Dom Bosco: **“a glória de Deus e a salvação das almas”**; formulado em seu programa de vida **“da mihi animas, cetera tolle”**.
- Essa experiência se traduz em acções visíveis; sem as obras a Fé é morta e sem a Fé as obras são vazias.
- Ponto de chegada a santidade: a santidade é possível a todos; depende da nossa cooperação com a graça, que para isso é dada a todos.



Devemos repartir de Dom Bosco, da sua experiência espiritual, e do Sistema Preventivo



"Na noite de 26 de janeiro de 1854 reunimo-nos nos aposentos de Dom Bosco, e nos foi proposto fazer com o auxílio de Deus e de S. Francisco de Sales uma experiência de exercício prático de caridade para com o próximo. Desde então foi dado o nome de Salesianos aos que se propuseram ou se propõem fazer esse exercício"

2. Centro e síntese da espiritualidade salesiana: a caridade pastoral

+ Não poderíamos amar a Deus se Ele não nos tivesse amado primeiro, fazendo-nos ouvir, dando-nos o gosto e o desejo, a inteligência e a vontade, de a isso responder. Não poderíamos sequer amar o próximo e nele ver a imagem de Deus, se não fizéssemos a experiência pessoal do amor de Deus.

A caridade pastoral é uma expressão da caridade, que tem muitas manifestações: o amor materno, o amor conjugal, a compaixão, a misericórdia, o perdão, Indica um modo específico de caridade.

Evoca a figura de Jesus Bom Pastor, não somente pelas modalidades do seu operar – bondade, busca de quem se perdeu, diálogo, perdão – mas também e sobretudo pela substância do seu ministério: revelar Deus a cada pessoa, homem ou mulher

O elemento típico da caridade pastoral é o anúncio do Evangelho, a educação à fé, a formação da comunidade cristã, a fermentação evangélica do ambiente.

+ A caridade pastoral é centro e síntese da nossa espiritualidade salesiana, que tem seu ponto de partida na experiência espiritual do mesmo Dom Bosco e na sua preocupação pelas almas.

Depois de Dom Bosco, os seus Sucessores voltaram a reafirmar a mesma convicção. É interessante o fato que todos se tenham preocupado em repisá-lo com uma convergência que não deixa espaço a dúvidas. Ela se exprime no lema "Da mihi animas, cetera tolle".



3. Espiritualidade salesiana para todas as vocações

O ministério presbiteral, a vida consagrada, os fiéis leigos, a família, os jovens, os idosos... têm um seu modo típico de viver a experiência espiritual. O mesmo vale para a espiritualidade salesiana.

Os grupos da Família Salesiana envolvem numerosos leigos na sua missão. Temos consciência de que não se dará nenhum envolvimento pleno se não se actuar igualmente a partilha do mesmo espírito.

Comunicar a espiritualidade salesiana aos leigos, co-responsáveis connosco pela acção educativo-pastoral, torna-se assim um empenho fundamental.

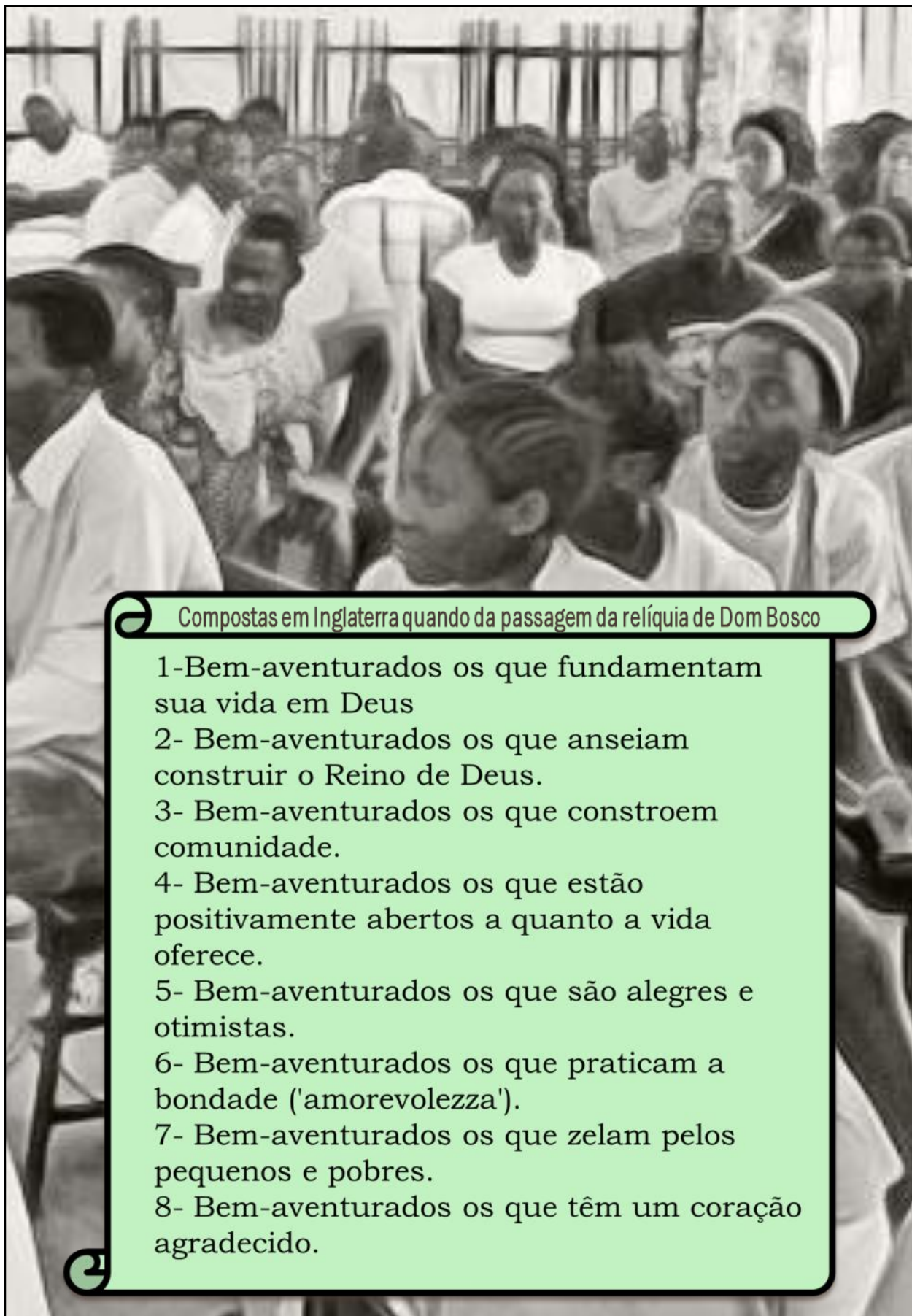
Depois que nos tornamos conscientes de que não pode existir pastoral juvenil sem pastoral familiar, estamos-nos agora a interrogar sobre 'qual **espiritualidade familiar salesiana** elaborar e propor'. Há experiências de famílias que se inspiram em Dom Bosco. Aqui o caminho está ainda em seus inícios. Mas é uma estrada que nos ajuda a desenvolver, além da missão juvenil, a nossa missão popular.

Há que
aprofundar
o que
e
como
propor aos jovens
(não crentes,
indiferentes ou
pertencentes
a outras religiões),
elementos
de espiritualidade
salesiana
juvenil.



*"Esforcemonos por aprofundar
qual foi a experiência espiritual
de Dom Bosco,
o seu perfil espiritual,
para descobrir
o Dom Bosco místico"*





Compostas em Inglaterra quando da passagem da relíquia de Dom Bosco

- 1- Bem-aventurados os que fundamentam sua vida em Deus
- 2- Bem-aventurados os que anseiam construir o Reino de Deus.
- 3- Bem-aventurados os que constroem comunidade.
- 4- Bem-aventurados os que estão positivamente abertos a quanto a vida oferece.
- 5- Bem-aventurados os que são alegres e otimistas.
- 6- Bem-aventurados os que praticam a bondade ('amorevolezza').
- 7- Bem-aventurados os que zelam pelos pequenos e pobres.
- 8- Bem-aventurados os que têm um coração agradecido.

Filhas de Maria Auxiliadora

A jovem Fma Ir. Lucia Nhantumbo saiu de Moçambique no passado mês de agosto para seguir a sua VOCAÇÃO MISSIONÁRIA 'AD GENTES'.

Antes da saída, o BS teve a oportunidade de lhe realizar uma entrevista.

Ir. Lucia: como surgiu em ti a vocação missionária?

Tudo partiu quando eu comecei a frequentar os ambientes salesianos. É verdade que eu já cresci em ambiente salesiano, mas quando frequentei a 8ª classe e entrei pela primeira vez numa escola salesiana, eu vi Ir. Ana, ela que é me chamou muito a atenção, o trabalho que ela fazia e este desinteresse com o qual ela fazia o trabalho, atendia as pessoas... A mim isso me tocou muito. Influenciou primeiro na minha vocação, à vida religiosa. E depois, este pensar nesta possibilidade da vocação missionária.

Outro aspecto é, conhecendo a história do nosso país, as dificuldades que enfrentamos e essas irmãs que vieram, que, a pesar das dificuldades não desistiram, não voltaram aos seus países mesmo com possibilidade de regressar, não, elas apostaram que é por aqui e se é para morrer vamos morrer aqui, porque nós fizemos uma opção de vida. Então, isso a mim, interpelou-me muito e criou admiração em mim essas irmãs que deixaram tudo e estavam dispostas até dar a própria vida. Mas, em benefício da missão, em benefício dos jovens, preferiram ficar. Então, isso mexeu muito comigo e influenciou na minha vocação, mas não sabia como fazer ou como dizer.



Passaram os anos, o aspirantado, o postulante, e enquanto estava no noviciado, por acaso, numas aulas sobre as Constituições, acho que eram os artigos da missão, então a minha mestra tocou nesse aspecto. Era um tempo em que o Instituto já se abriu, começou a falar-se muito da vocação missionária, então ela foi explicando. Eu fui perguntando. Aquela sementinha já existia, mas queria um pouco mais de incentivo. Então eu fui perguntado quais eram as possibilidades, como uma pessoa faz um pedido. Eu fiquei animada, mas mesmo assim eu não relaxava. Lia, perguntava e ia olhando... Fazia perguntas a algumas missionárias: como se sente, como é que é, qual é a experiência... A coisa foi ficando assim. Iam-me dizendo: reza, pede, partilha, deixa-te iluminar. Então eu fiquei nesta.

Pensei que a coisa tinha morrido, mas quanto mais o tempo

passava, eu via também os voluntários, os jovens a deixarem, embora viessem por um período de um mês, dois meses, para fazer esta experiência, isso sempre mexia comigo e fazia despertar esta coisa que já estava em mim.

Então, eu me lancei e antes da Profissão Perpetua me disseram que não: faz o juniorado, faz experiência, vai vendo, também estamos nas comunidades em missões. Fiquei nessa.

Então quando estava prestes a fazer a Profissão Perpetua eu disse: agora, tenho de fazer alguma coisa. Tenho de concretizar este sonho que eu tenho já desde há muito tempo. De facto, isso aconteceu. Veio a Ir. Alaide (Conselheira Geral) no ano da Profissão Perpetua. Eu partilhei a experiência. Já vinha partilhando com a Provincial. Ela foi-me perguntando as minhas motivações. Eu disse. Ela disse que eram motivações

Filhas de Maria Auxiliadora

válidas. Que rezase e se essa era a vontade de Deus iria acontecer. Então, assim foi.

Estava para vir a Madre na minha Profissão. Veio a Ir. Emília (Vigária Geral do Instituto das FMA). Partilhei também. Me animou e me disse para fazer um pedido. Tinha que esperar qualquer resposta, um sim ou um não.

Fiz primeiro o pedido à Provincial e depois esta à Madre para apresentar o relatório. Eu contava que essa resposta viesse daqui a dois ou três anos. A minha surpresa foi que veio em menos de um ano.

Estou aqui, prestes a enfrentar um desafio: são novas realidades, novas culturas... Mesmo assim, não me intimido com isso. Eu acredito que cada um, cada uma, faz a própria experiência. Cada uma tem a sua capacidade de inserção. Aquilo que são os meus limites, podem não ser limites na outra pessoa. Então, eu estou confiante, porque acredito que é obra de Deus. Por mim, tal vez, não faria. Mas, porque acredito que também foi inspiração divina, estou confiante e agora entrego tudo nas mãos de Deus, e espero que seja Ele a continuar a conduzir.

Qual foi a reacção da tua família?

Primeiro, como sempre, as minhas irmãs, algumas disseram: mas, este passo? Já para entrar na vida religiosa, alguma se opôs. Mas, ao final, elas disseram: se este é o teu caminho, o que tu queres, nós te vamos a dar força. Porque nós também temos as nossas opções e ninguém nos disse que não. Então, você quer, continue.

Então, agora a realidade é esta: chegou e quando a Ir. Paula conversou com a mamãe e com as duas irmãs mais velhas, então disse para ela a minha mãe: *«se eu não disse não ao primeiro pedido que ela fez, quem sou eu agora para me opor ao que ela quer, ao que ela sente. Se é o que ela quer nós damos todo o nosso apoio. Acreditamos que não vai ser fácil. Estamos com ela. Está livre de partir»*.

E, os jovens com que tu trabalhas, já sabem? Qual foi a sua reacção?

Estão surpreendidos. Não esperavam. Sempre há aqueles adjectivos: ah, gostamos muito da irmã! Então agora que sai vai ser diferente!

Ficaram um bocadinho chocados com esta decisão: porque ir fora, se também aqui!

São perguntas difíceis de expli-

car porque não temos resposta. Mas eles também ficaram tocados, sensibilizados com esta realidade. Me dão apoio, embora sintam alguma falta da minha ausência. Gostaram de ouvir. Me dão apoio.

Qual é o seguinte passo a fazer? Já tens o mandato missionário?

Agora vou a Roma, e antes da formação missionária, terei um curso de italiano e depois é a preparação dum ano. Depois de lá é que a Madre Geral vai dar o destino onde é que agente vai trabalhar.

(n.d.r: Neste momento da publicação a Ir. Lúcia já se encontra no curso missionário em Roma).



Pe. Anton Grm

Nasci em Ljubljana, capital da Eslovénia, a 22 de março de 1965, e vivi a minha infância na vila de Videm - Dobrepolje. Em geral, a relação com a Igreja na minha realidade era uma coisa espontânea e normal mas, com o tempo, também mudava: às vezes crescia e às vezes diminuía.

Lembro-me de muitas coisas daqueles tempos: ser acólito, a minha primeira comunhão, a catequese aos sábados, a colaboração na construção e renovações da igreja e do centro paroquial, o crisma, os encontros de catequese do grupo dos jovens, verdadeiramente bonitos e enriquecedores.

De toda esta vivência, recordo com satisfação alguns momentos especiais: os retiros dos acólitos e os encontros com os missionários, organizados em forma de diálogo e realizados aos sábados à noite na capela da casa paroquial, a qual, era para mim, como a minha segunda casa. Recordo também, vivamente, os encontros quaresmais e a grande expectativa com que se preparava o canto do aleluia Pascal, tradição muito característica do meu país. Entretanto, formei-me como técnico de electricidade.

Depois da escola secundária, comecei a perceber mais profundamente a Igreja e a caminhada de fé que ela me apresentava. Neste contexto, seguiram-se muitas perguntas para as quais tentava encontrar as respostas de várias maneiras. Uma delas foi frequentar um curso teológico-pastoral, com a duração de três anos, na faculdade de teologia a Ljubljana, com o objetivo de aprofundar a própria fé, bem como de responder as necessidades da minha paróquia. Foi neste tempo que percebi, com mais clareza, a minha pequenez e o grande mistério que eu procurava desvendar. As minhas convicções pessoais foram crescendo e o imenso campo de acção foi-se reforçando nos encontros dos jovens aos sábados, com os quais fui percebendo que eles eram, também, o reflexo

da minha procura.

A minha família vivia uma fé tradicional mas, a mais evidente, era a fé da minha avó. A minha profissão não me satisfazia em pleno, e algo me atraía para «iniciar um caminho» novo. Com o tempo, as etapas e as decisões que se seguiram foram uma surpresa, primeiro para mim mesmo e, depois, para a minha própria família e para os meus amigos mais chegados.



Contudo, nada aconteceu de um dia para outro: antes de tomar uma decisão, por mais simples que parecesse, passava muito tempo, a fim de amadurecer a ideia, antes que esta se tornasse realidade. A experiência que estava a realizar, era para mim, um despertar aquela fé da minha infância, agora mais enriquecida e mais desafiadora. Muitas perguntas que eu me fazia, ficaram mais esclarecidas depois do meu serviço de voluntariado missionário no Brasil, entre os anos 2000-2003. A resposta que o Senhor esperou tantos anos de mim, começou a concretizar-se com a minha decisão de entrar em 2004, no aspirantado e pré-noviciado salesiano na Slovenija e, depois, no noviciado, seguido da minha primeira profissão religiosa, no dia 8 de Setembro de 2006, na Itália.

Desde os meus primeiros exercícios espirituais realizados em Želimlje, num então pequeno seminário salesiano, fiquei ligado a Dom Bosco. Por isso, fico feliz em perceber que, hoje, se está a realizar na Família Salesiana o que eu desejei, silenciosamente, todo este

tempo, isto é, trabalhar para os jovens e com eles partilhar os dons de Deus, que nunca faltam. O caminho percorrido até agora está em subida e, apesar de tudo, olhando para traz, não tenho dúvidas que este é um grande dom de Deus.

Sinto que este ano tem para mim as suas exigências e passos importantes: depois de ter feito em 4 de Setembro de 2010 a profissão perpétua, de ser ordenado sacerdote em 26 de Junho de 2011 e de celebrar a minha primeira missa solene no dia 3 de Julho deste mesmo ano, tudo se apresenta bonito. No entanto, agora, de forma mais clara, vou percebendo que preciso muito da ajuda de todos os que comigo partilham a minha caminhada. De facto, sempre fui ajudado e, de um modo especial, nos meus dois primeiros anos de exercício do meu ministério sacerdotal, como capelão na paróquia de Trstenik, em Slovenija.

Este ano, no mês de Setembro, fiz a minha preparação missionária e, no dia 29 de Setembro de 2013, recebi o crucifixo e fui enviado para a Visitadora salesiana de Moçambique. Assim, após uma longa viagem, cheguei a Maputo no dia 15 de Outubro. Agora estou aqui, em casa, encontro-me feliz e agradecido a Deus por ser o que sou e disposto a fazer o que Ele quer de mim.

Peço a todos que rezem por mim, para que eu possa superar todas as dificuldades e desafios neste caminho da minha vocação missionária, que tanto desejei realizar. Que seja tudo para a maior glória de Deus e a salvação da minha própria alma e das almas dos destituidos, especialmente dos jovens mais pobres.

Graças a Deus e a todos vós. Por intercessão de Maria Auxiliadora, peço para todos vós as maiores bênçãos, para que Ela vos acompanhe, vos sustente e proteja de todo mal.

Vosso Pe. Anton, que grita convosco: «Viva Dom Bosco!»

Pe. Jorge Bento

O facto de me encontrar, hoje, ao serviço da missão salesiana em Moçambique, não é outra coisa senão, dar continuidade a algo que vem desde há alguns anos atrás, quando frequentava a escola primária e, portanto, quando tinha nove ou dez anos de idade.

Nessa altura, era frequente a passagem de alguns missionários pela minha paróquia, os quais organizavam diversos encontros com as pessoas da terra: com as crianças e adolescentes, jovens e adultos. Estes, com a sua alegria e entusiasmo, mostravam-nos aquilo que por lá faziam, em terras de missão: o contacto com as pessoas simples e pobres mas, também, as suas aventuras. Ora, aquelas histórias, deixavam-me sempre encantado, com o desejo de embarcar, também eu, na grande aventura! A semente estava lançada. Tal era o entusiasmo que, assim que os missionários pediram aos participantes para preencherem uma folha se gostavam de fazer uma experiência com eles, eu não deixei escapar a oportunidade!

Passado algum tempo, recebi uma carta em minha casa, dirigida à minha pessoa, com o meu nome, a direcção... foi uma alegria! Convidavam-me a fazer a tal experiência com eles... Contudo, as circunstâncias não se proporcionaram: a família de casa era grande e havia a reta intenção de dar a todos por igual. Um pouco desmotivado, lá me encarreirei seguindo os passos dos meus irmãos mais velhos, isto é, concluir a escolaridade obrigatória e procurar um trabalho para ganhar o pão de cada dia.

Assim sendo, terminei a escolaridade obrigatória – sexto ano – com os meus doze anos, e lá fui procurar um trabalho para me arranjar na vida! Comecei pela

construção civil, dedicando os meus primeiros dois anos de trabalho. Ainda não tinha catorze anos quando mudei de ofício, isto é, deixei o cimento para trabalhar no ferro, numa serralharia civil, durante quatro anos. Durante este tempo surgiu a oportunidade de estudar à noite, depois do horário de trabalho, e assim concluí o nono ano de escolaridade. Após



esta conquista, os horizontes foram-se abrindo e, uma vez mais, decidi avançar no terreno, tirando um curso de informática com perspectivas de um novo trabalho numa firma de instalações elétricas e de águas, ocupando-me do serviço de escritório e armazém. Entretanto, como cidadão português, chegou também o tempo de prestar o meu serviço nas Forças Armadas do país, com especialização de condutor.

Durante todos estes anos, fui mantendo sempre a minha proximidade com a paróquia, frequentando a catequese em preparação para o Sacramento da Confirmação e a Eucaristia dominical, participando nos encontros do Movimento Juvenil Salesiano, organizados pelas FMA que, entretanto, tinham aberto uma presença na minha própria terra.

Ao chegar quase ao final do servi-

ço militar obrigatório, ao assistir às apresentações e ao testemunho de alguns missionários que voltaram a passar pela minha terra, a questão levantou-se novamente e, desta vez, havia que tomar mesmo uma medida séria, que fosse para além das aventuras sonhadas nos tempos de criança: fazer uma experiência com os missionários ou abandonar a ideia e optar, futuramente, pela vida de matrimónio. Assim, depois de entregar as minhas roupas no quartel e de me despedir das respetivas tropas em Lisboa, dirigi-me a Setúbal, ao encontro da Ir. Libânia, fma, antiga diretora da casa salesiana da minha terra.

Após os respetivos cumprimentos, expus-lhe seriamente o caso e as portas, as janelas e os caminhos abriram-se até aos dias que correm... fiz a experiência de aspirantado e pré-noviciado no Porto com os salesianos, completando o décimo segundo ano de escolaridade; fiz o noviciado em Vilarinho, Portugal. (Quando a formação sacerdotal) estive, depois, cinco anos em Roma, onde fiz a licenciatura em Teologia e o mestrado em Missiologia. Após este percurso formativo, iniciei a minha experiência missionária em Cabo Verde, onde estive os últimos quatro anos, e agora, claro, chegou a vez de Moçambique, após ter iniciado os contactos para efetuar o meu pedido ao Reitor-Mor para a vida missionária, durante o último ano da minha formação em Roma e primeiro do meu sacerdócio.

No dia doze de setembro, recebi das mãos do Vigário do Reitor-Mor, a carta de obediência que me destinava a este novo campo de missão que acolho de braços abertos, na esperança de poder levar a todos, e especialmente aos jovens mais pobres, «o Evangelho da alegria, mediante a pedagogia da bondade», tal como nos ensinou o nosso pai D. Bosco.

Vida salesiana em Moçambique

Publicamos o seguinte artigo que comemora os 9 anos de funcionamento da Rádio Dom Bosco.

Em poucas palavras conta-nos a interessante história deste meio de Comunicação Social que, aos poucos, vai ganhando importância na sociedade de Tete.



CAROS OUVINTES, hoje é o dia aniversário da Rádio D. Bosco. Foi precisamente a 10 de Outubro de 1994 que iniciaram as nossas emissões, na Rádio que teve um começo humilde, em instalações da Missão que agora já nem existem.

Em poucas palavras, a história da nossa RDB é esta:

Em 1994 chegou a Moatize o irmão Carlos Marques. Ele era portador de um pequeno emissor de 4 watts, que lhe fora oferecido pelo P. Manuel Leal. Esse pequeno emissor emitia as suas ondas a partir de uma antena composta de uns simples ferros que se elevavam a uma altura de 10 metros. À Rádio foi dado o nome de Rádio-Escola. Com efeito, ela tornou-se campo de ensaio para muitos jovens, alguns dos quais trabalham hoje na Rádio Nacional.

No ano 2010 chegou-nos outro emissor de 1000 watts. Foi montada uma torre de 54 me-

tros que suporta agora 4 antenas, duas das quais acabaram de ser montadas esta semana, com a presença do técnico Sr. Carlos Rebelo e a colaboração do Padre Manuel Leal, um salesiano amador da Rádio e que nestes dias se encontra em Moatize.

A Rádio Dom Bosco está a surpreender-nos pelo alcance na distância e pela aceitação do seu público, não só de Moatize e Tete, mas de terras mais distantes. Ela é como o seu patrono, D. Bosco, cuja vida de padre e educador começou por ser um sonho e se tornou realidade. O nosso desejo é que a nossa Rádio cumpra a sua missão de evangelizar, educar, informar e formar sobretudo as novas gerações.

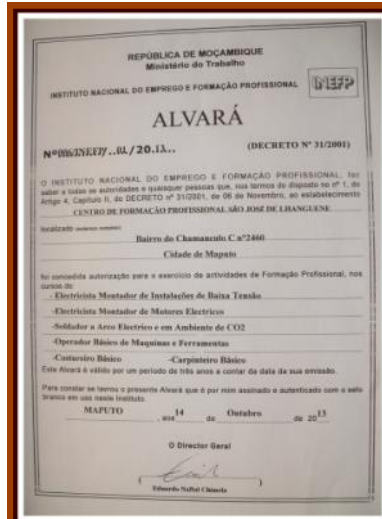
A Rádio Comunitária D. Bosco será o que os nossos ouvintes quiserem. Obrigado pela audição. Obrigado pela colaboração de tantos amigos, particularmente jovens e aos nossos benfeitores. Com a vossa ajuda queremos crescer. Sempre mais longe! Sempre com mais qualidade!

Parabéns, Rádio Dom Bosco!
Feliz aniversário!

P. Francisco Lourenço
Pároco da Missão de Moatize

Acompanha as mensagens de Rádio Dom Bosco no próprio blog do BS:

<http://bsmozambique.blogspot.com/>



Saíu em Moçambique uma lei, no ano de 2001, que decretou a obrigatoriedade da legalização de todos os centros de formação profissional privados.

Nós, o de S. José de Lhangue, fomos funcionando 'ilegalmente' durante 12 anos, embora com a complacência das autoridades do ministério do trabalho.

Em 2012 metemos mãos à obra, preparámos todos os requisitos exigidos, fomos inspeccionados duas vezes por técnicos multidisciplinares, fizemos as alterações que nos mandaram, e, finalmente saiu esse documento, o Alvará que nos considera licenciados para a formação profissional. (I. Joaquim Gómes, sdb)

O P. Américo Chaquisse, foi escolhido Vice-presidente da Conferência que reúne todos os religiosos e religiosas de Moçambique.

O serviço é para 3 anos e tem como novidade que as duas conferências (religiosos e religiosas) uniram-se formando só uma.

Vida salesiana em Moçambique

No dia 20 Outubro, reuniram-se na Missão de São José de Lhanguene de Maputo, os ADS (Amigos Domingos Sávio) provenientes de diversas presenças salesianas. Vieram para realizar a sua festa anual e também participar na promessas dalguns novos membros.

Tiveram a alegria de conhecer os dois novos missionários salesianos chegados a Moçambique, o P. Anton e o P. Jorge.

Após a Eucaristia, houve momento de jogos e convívio e almoço em grupos.



Dos dias 4 a 6 de Outubro, no Aspirantado salesiano de Matola, realizou-se o campo vocacional para os jovens da zona sul do país. Semanas antes, houve outro campo vocacional em Tete.

Participaram 7 jovens provenientes de diversos lugares: 1 jovem de Namaacha, 2 jovens da paróquia do Benfica e 4 jovens da Paróquia de São José de Lhanguene.



No Domingo Missionário, 20 de Dezembro, realizou-se na Eucaristia principal da Missão de São José de Lhaghene, a apresentação oficial dos novos dois missionários chegados à nossa Visitadoria: P. Anton (da Eslovénia) e P. Jorge (de Portugal).

As capulanas oferecidas e colocadas pela comunidade cristã foram o sinal do acolhimento no coração.

Num primeiro momento dedicaram-se a visitar as comunidades do Sul.



Notícias do mundo salesiano



A relíquia de Dom Bosco continua peregrinando em Itália. Na foto, a relíquia em Génova.



D. Filiberto, Conselheiro Geral da Comunicação Social com os Delegados de CS de Asia Este



O Ecónomo Geral, Sr. Jean Paul Muller, visitou o numeroso 'Noviciado Salesiano Sagrado C. de Jesus', de Ho Chi Minh

Notícias do mundo salesiano



Entrevistamos ao Padre Ángel Miranda, salesiano de España e grande colaborador com a obra profissional salesiana em Moçambique.

Desde a sua grande experiência educativa em Espanha e em Europa sobre a Formação Profissional, partilhamos com os leitores do BS a sua 'sabedoria' educativa e salesiana.

P. Angel: Mais uma vez de regresso a Moçambique

Sim, estamos acabando a expedição missionária de 2013 que faz a 21ª edição. Vimos 4 sdb coadjutores, 1 sdb cooperador e eu. Também vieram, por primeira vez, dois operários duma empresa espanhola que colabora com a ONG salesiana 'Jóvenes y Desarrollo' e que quer enviar os seus trabalhadores para fazerem experiência de voluntários. Pediram a nós e aqui vieram.

Esta vossa colaboração anual, 21 anos!, como a definiria?

Este nosso trabalho de 'voluntariado' sempre se definiu como um voluntariado técnico.

Nos dois anos anteriores, os voluntários que vieram prepararam as oficinas para o Instituto Superior Dom Bosco - ISDB, que não as tinha, e dotá-lo das áreas de electricidade, de soldadura e de mecânica.

Este ano o trabalho foi trasladar as máquinas, e fazer a experiência de uma oficina do ISDB que funcione normalmente. Funcionou durante 6 horas



diárias durante todo o mês.

Qual é a impressão que deixa este trabalho nos salesianos voluntários que colaboraram e nos próprios jovens alunos?

O comentário de todos os membros do grupo é que os jovens tem uma grande vontade de aprender. Segundo, tem tomado consciência do que é o estilo preventivo, do que é a figura do educador no meio dos jovens. Eles têm convivido conosco umas 9 horas diárias, também durante o tempo das comidas.

Também está que estes jovens cumpriram uma nova e bonita tarefa: eles mesmos estão construindo e pondo em funcionamento o seu próprio centro. Eles estão a dar forma ao seu próprio centro: auto-construir a sua escola.

Qual é a tua impressão sobre a experiência deste ano?

Acho que ter as próprias oficinas no Centro modifica o ensino. Em Moçambique existe a formação profissional explicada com momentos de prática. Agora provamos que se pode fazer uma formação profissional experimentada com referências técnicas. E é possível fazê-lo no próprio centro sem necessidade de acudir a outro centro. Isso muda a filosofia do centro.

Também, durante este período, alguns dos nossos professores tem visitado outros centros com os alunos e tivemos mais de 10 visitas doutros centros de professores que vinham fazer estágios aqui, de gente do ministério e viam outro tipo de oficina, por exemplo, onde cada aluno tem o seu trabalho, onde eles trabalham com maior

autonomia sem depender só das palavras do professor. São elementos muito válidos.

A mim me parece que é uma escola, tal vez, a única. Esta escola do ISDB com essa originalidade que tem de formar Professores neste âmbito profissional, fruto dum acordo do governo connosco que somos peritos nisto, um governo que confia em nós, é um elemento muito interessante.

É interessante também que o ISDB, além desta originalidade, já começa a ter as suas primeiras promoções e o eco que recebemos é que onde começam a trabalhar professores formados aqui, muda o ambiente da escola.

Há outro dado interessante no âmbito salesiano: desta maneira, em Moçambique, os salesianos cumprimos um estilo preventivo. Estamos conseguindo que os rapazes não vão para a rua. Se temos um bom equipo de professores, os jovens não vão para à rua. Na rede salesiana, temos agora mais de 1.500 jovens alunos neste âmbito preventivo.

Como valorizas a presença destes 4 sdb coadjutores neste trabalho realizado?

Dom Bosco estabeleceu no seu momento, sem usar as palavras de agora, o diálogo entre a fé e a cultura. Fruto desse diálogo, num início do desenvolvimento industrial, ele disse que fazia falta religiosos que estejam em contacto com um mundo industrial que estava a surgir: colocar salesianos onde outros não podem.

Por exemplo, em Espanha, entre os anos 1955 e 1969, fez-se um grande esforço neste campo, de tal maneira que a

formação técnica abrangeu aos coadjutores e também aos outros sdb sacerdotes. Era uma opção importante de congregação.

Me parece muito interessante a figura do coadjutor em diálogo com a secularidade. O problema hoje é que a gente não distingue isso.

Então, neste momento o diálogo com a secularidade passa por muitos campos que haveria que pensar. Certamente, um desses campos é o técnico. Nos países, como Moçambique, que estão em desenvolvimento, ou procuramos uma formação profissional na qual ainda nós temos uma palavra importante a dizer, ou senão, em quinze anos teremos uma formação profissional e uns profissionais que crescerão num ambiente totalmente laico. Porque no nosso critério, formamos pessoas que trabalham, e no modelo de pessoas que formamos é que nos vamos diferenciar. Agora bem, se não queremos estar nesse

mundo, alguém vai-se encarregar de formar outro tipo de pessoa.

Qual é a tua impressão sobre o Congresso sobre o Sistema Preventivo realizado em Agosto?

Eu creio que foi um grande esforço das duas inspeções, fma e sdb: económico, ideológico, pastoral. Um grande esforço de presença. Foi para mim uma grande surpresa.

Nos temas que se ofereceram se respondeu claramente ao que se espera dum Congresso.

O importante é dar continuidade a este Congresso.

Havia gente de diferentes presenças, não só escolares. A presença salesiana é muito mais rica que só a escola. Pode-se-ia abrir a outros sectores.



Novo Beato e Mártir



Preso e condenado

No dia 28 de julho de 1952, pela manhã, a polícia política foi ao alojamento e prendeu Estevão, foi levado à prisão do Tribunal Militar de Budapeste (área de Buda, Fo Utca), onde ele foi submetido a espancamentos e a contínuos e extenuantes interrogatórios. A jurisdição do processo era do Tribunal militar, pois entre os réus havia membros das forças armadas. Por causa das torturas desumanas e perseguições tristemente conhecidas e usadas com os presos políticos da época (cf. Card. Mindszenty), Estevão foi forçado a admitir os "crimes" pelos quais culpavam-no, sabendo muito bem que tal declaração constituir-se-ia para o tribunal militar, motivo para uma condenação à morte. O processo teve início no dia 28 de outubro de 1952. Estavam presentes 16 réus: 9 tinham servido nos corpos especiais da Polícia; 5 eram Salesianos; 1 jovem estudante e uma jovem estudante. Tudo teve lugar a portas fechadas e em uma única audiência. Foi, como de costume, uma farsa, tudo já

No dia 19 de Outubro a Família Salesiana celebrou com alegria e gratidão a Deus a Beatificação de mais um salesiano: o coadjutor Estevão Sándor, mártir durante a perseguição comunista na Hungria, morto em 1953 por ser um discípulo de Cristo e um apóstolo dos jovens. O BS apresenta os momentos em que foi preso e martirizado, texto escrito por János Szöke.

Quem quiser lêr completa a sua biografia pode ir ao blog do BS no seguinte endereço electrónico:

<http://bsmozambique.blogspot.com/2013/10/biografia-do-novo-beato-salesiano-e.html>

premeditado. Tudo já tinha sido decidido pelo tribunal, presidido pelo Tenente Coronel Béla Kovács, assistido por dois tenentes da AVH (polícia secreta). O promotor público, Major Gyorgy Béres representava a expressão pessoal do ditador Rákosi. O tribunal emitiu o veredito, nº I/ 0308/ 1952: sentença de morte para Estevão e três jovens oficiais, considerados "culpados de conspiração contra a democracia popular e alta traição". Dois dias depois foi rejeitado o pedido de indulto que foi apresentado pelo escritório.

Pelo exagero do processo, ficava patente a ira do regime em relação aos religiosos que tinham contato com os jovens trabalhadores, que eram os considerados como os que deviam constituir o núcleo duro da ditadura.

No cárcere militar de Fo Utca

Um sacerdote, (József Szabò), companheiro de cativo, afirma: "Sabia-se que Estevão estava disposto ao martírio. Esta-

va consciente de que, do lugar onde se encontrava, a única via de saída era a que lhe levaria à força. Era compreensível que, como qualquer ser humano, também ele estivesse ligado à vida e nutrisse a esperança de sobrevivência, mas não dava sinal de se entregar. A mim, seu diretor espiritual, durante nossas conversas na cela, disse-me confidenciando-me, com a máxima sinceridade, que jamais participara de qualquer trama política. Jamais percebi qualquer interesse político de sua parte... Recordo-me que éramos mais de cinquenta na cela. Não nos era possível conversar com liberdade; todos fazíamos parte de um grupo onde havia espiões. Estávamos em uma situação desesperadora, todos nós éramos condenados por faltas graves. A pena mais leve consistia em uma reclusão de 15 anos, mas muitos estavam condenados à prisão perpétua e à pena de morte. Nesta situação as pessoas estavam muito abertas a acolherem sermões improvisados. Eu falava ao grupo sobre as verdades eternas, e Estevão Sándor também o fazia. Rezávamos o Rosário completo com a ajuda dos dedos. Víamos quanto conforto as orações davam aos condenados à morte. Frequentemente Estevão me pedia para ir ao encontro de nossos companheiros de pri-

Estevão Sándor, Sdb coadjutor

são para atendê-los em confissão e dar-lhes a absolvição... Os condenados à morte procuravam conforto espiritual junto dele”.

Um seu ex-colega de escola, Mihály Szantò, alto funcionário do Partido, tentou convencer Estevão a colaborar com eles. Conheciam, de fato, suas habilidades e, sobretudo, a influência que exercia sobre os jovens. Mas ele jamais cederia. Os seus companheiros de cela que sobreviveram são unânimes em dizer: mesmo após a sua condenação à morte, confortava os seus companheiros de cela. Nos momentos de fome intensa, dividia seus alimentos - já bem escassos - com os seus companheiros de cela.

8 de junho de 1953: o maior testemunho

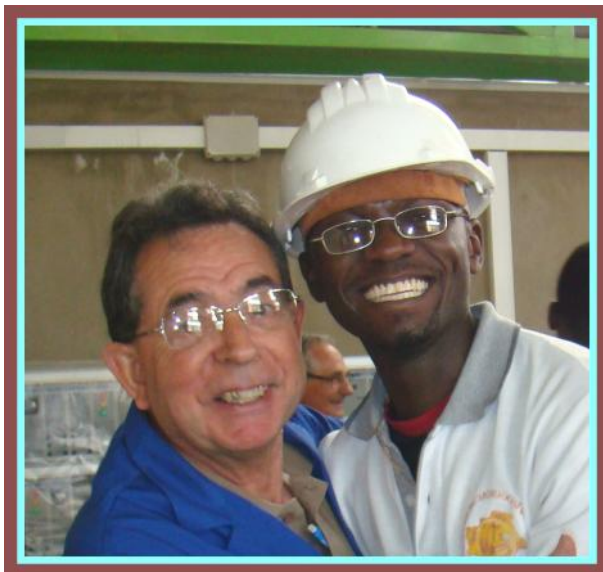
Após o anúncio oficial da sentença de morte ao condenado, esse era transferido da cela 32 no piso superior da prisão militar, para a cela dos condenados à morte, à espera da execução. Um companheiro de ce-

la que sobreviveu, cinquenta anos mais tarde, confessava ainda ter gravada na memória, a triste cena dos guardas da prisão indo à cela 32 para recolher os pertences pessoais de cada condenado à morte: escova de dente, pente e toalha. Para os prisioneiros esse era o sinal de que a pessoa tinha sido transferida para a cela daqueles que seriam levados dali, diretamente à execução. Os sobreviventes afirmam que não se podia saber exatamente onde as execuções eram feitas. Geralmente, pelo menos até 1953, foram realizadas no pátio da prisão. Para cobrir os gritos dos condenados, costumava-se colocar no último volume, o ruído produzido pelo escapamento do motor do caminhão usado como palco. Quando, das celas, podia se ouvir aquele barulho sinistro, intuía-se que estavam executando um condenado, na maioria das vezes, por enforcamento. O nosso Estevão foi enforcado em segundo lugar, como consta nos relatórios. O cadáver, juntamente com o dos outros executados, foi levado em um caminhão para o cemitério da prisão judicial da cidade de Vác, onde eles foram enterrados

juntos, em uma vala comum, sem sinais de identificação. Apesar de várias pesquisas por parte da família e dos Salesianos, ainda não foi possível identificar, com certeza, o local de sepultamento. Por outro lado, os corpos exumados mais tarde, após a queda do regime, apresentavam uma quantidade tal de sinais de tortura, que tornou difícil a identificação. Mas quem tem o dom da fé sabe que até mesmo o corpo torturado de Estevão está à espera do glorioso dia da ressurreição.



É bonito lembrar como esse coadjutor viveu com alegria, entusiasmo e dedicação, sua vocação de educador, em particular no campo da imprensa e na atividade de tipógrafo, no cuidado com os acólitos na animação da liturgia, e na dedicação aos grupos de jovens, no compromisso como catequista e como testemunha do Evangelho (Pe. Pierluigi Cameroni SDB - Postulador Geral)



O Salesiano Coadjutor, um consagrado para os jovens

O salesiano coadjutor (irmão leigo), é um religioso que, nos passos de Dom Bosco, busca seguir Jesus.

Antes do nosso nascimento, Deus já tinha um plano para nós. Em determinado momento da vida sentimos um chamado especial de Deus que, na nossa história, vai dando sinais de nossa vocação. Há uma hora em que não podemos mais adiar esta resposta para assumir um estilo de vida, que nos realize e nos dê felicidade.

Quando este chamado é para a vida consagrada, cabe-nos o seguimento mais radical de Jesus Cristo, seguindo seus passos. A vida consagrada possui suas renúncias como também a vida de um leigo cristão.

O sdb coadjutor é um trabalha-

dor do Reino, assumindo todo o trabalho que lhe compete com simplicidade a serviço do Reino de Deus e das pessoas. É um trabalho santificado que consiste em oferecer a Deus toda atividade que vamos realizar.

Quando pensamos em trabalho, normalmente pensamos em uma profissão. E a profissão que um religioso deve exercer é aquela que Deus o chamou. Independente da qualificação profissional, do curso que a pessoa fez ou faz, deve ter como ponto de chegada e missão o reino de Deus. O trabalho de um religioso deve ser uma missão que a comunidade assume e o envia para desenvolvê-la em seu nome. O religioso não trabalha para se promover ou para simplesmente executar uma vontade própria, ele trabalha em nome de sua comunidade e visando o desenvolvimento do Reino, buscando realizar a vontade de Deus.

O irmão leigo salesiano tem um leque muito grande de opções profissionais, não importando o trabalho que faça. O fará sempre como consagrado salesiano e portanto, um educador e evangelizador da juventude.

Ser educador e pastor da juventude são elementos indissociáveis de sua ação!

Ir. Luís Antônio Amiranda

Obra Social São João Bosco -
Campinas (Brasil)

O Sdb
Coadjutor é
um trabalhador
do Reino de
Deus



Yurii Zhuk, 19 anos, salesiano de Ucrânia desde o dia 8 de Setembro, conta-nos a sua experiência vocacional:

“A minha família é muito simples. Minha mãe faz pão. Meu pai tem posto de gasolina. E está a minha irmã mais velha. Foram meus pais a transmitir-me a fé. Aos dez anos comecei a ser acolhido. Contemporaneamente, frequentei artes marciais. Um dia conheci alguns meus coetâneos com os quais decido fazer amizade”.

É “uma companhia tipo Miguel Magone”, onde Yuri – que também continua a frequentar a Paróquia – adquire lentamente alguns péssimos hábitos: fumo, bebida... Trai a própria

‘namorada’ com a de um de seus amigos... Um dia, sempre com seus amigos, Yuri dá-se conta de que ali não é o seu lugar. No domingo seguinte, enquanto saíra da missa para fumar, pela primeira vez em vários anos, aceita o convite de um salesiano a reentrar na igreja...

Inicia um caminho de crescimento cristão, feito de encontros com um guia espiritual, romarias, novas amizades com jovens “que vivem sem fumar, sem dizer palavrão”. No fim, sem saber bem do que se trate, Yuri começa a participar de encontros vocacionais em L’viv, primeira etapa de um caminho que o leva em seguida ao aspirantado, ao pré-noviciado com outros seis amigos, finalmente à Itália, ao noviciado de Pinerolo, na Itália. (ANS)

**Importância
dum guia espiritual
para
o crescimento
da vocação**

Diferente o percurso de Damiano Slanzi, 24 anos, originário da Inspeção Itália Meridional:

“Deus plantou em mim um germe vocacional desde a minha infância, graças antes de tudo à minha família, autêntica ‘igreja doméstica’, que fez com que os valores cristãos fossem por mim absorvidos desde o início. Ter três irmãos mais pequenos do que eu também me fez crescer em simplicidade, em sentido de sacrifício e de dever”.

Reprovação nos estudos, amigos “secularizados” e o desejo de independência, entretanto, puseram a dura prova a fé do Damiano, que, numa fase da sua vida, chega a ter vergonha de ir à Missa. Depois de perder um ano escolar, uma peregrinação mariana reaproxima-o de Deus: “Foi muito comovente experimentar que, apesar de ter buscado cancelá-lo da minha vida, Deus sempre continuava a estar-me ao lado. Experimentei-o claramente na Confissão feita naquela romaria, depois de seis anos que não a fazia”.

Também para Damiano foi fundamental a direcção espiritual de um salesiano que o acompanhou orientando-o a frequentar o caminho vocacional proposto pela Inspeção. Seguiu-se depois uma experiência missionária na Moldávia, o pré-noviciado, o pedido de admissão ao noviciado, feito exactamente no dia 24 de maio, Solenidade de Maria Auxiliadora. (ANS)





Desejamos a todos os leitores do
Boletim Salesiano de Moçambique,
a todos os amigos e amigas da Família
Salesiana, e a todos os jovens, um
FELIZ NATAL DO SENHOR,
e que ELE continue a ser a
LUZ E AMOR
da nossa vida

Visita a nossa nova web:

www.salesianos.org.mz